

Adriana Fraga da Silva¹

NOVAS FACES DO MUNDO: MÁSCARAS E MATERIALIDADES EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

¹ Professora do Bacharelado em Arqueologia, Universidade Federal do Rio Grande, Lume Observatório das Coisas Contemporâneas, adrifragasilva@hotmail.com

RESUMO

O texto trata das novas faces do mundo contemporâneo, um mundo pandêmico pela ação do novo coronavírus e a expansão da COVID-19. Na atual conjuntura o mundo reescreve sua face para além de uma necessária reestruturação econômica, pois estamos diante de uma crise civilizacional e sanitária gerada por um modo de vida centrado num sistema gerador de desigualdades e pautado pela exclusão de classe, raça e gênero. A emergência de uma nova normalidade para tempos de pandemia e pós-pandemia carrega novas materialidades, novas relações sociais e descortina desigualdades historicamente postas. As novas materialidades apresentam diferentes camadas através das quais podemos considerá-las. Mencionamos aspectos econômicos, variabilidade estética, empatia, sentido de coletividade e desigualdade social por meio das máscaras de proteção individual em tecido.

PALAVRAS-CHAVE: Materialidades. Máscaras. COVID-19.

O planeta que habitamos mudou de face inúmeras vezes. A cada vulcão que entra em erupção, a cada vento que sopra, a cada partícula deslocada, a cada litoral que abre novas margens, a cada construção instalada pelas mãos humanas, a cada novo ninho construído pelos pássaros, a cada cheia e vazante de um rio, a cada geleira que derrete e até mesmo a cada segundo de tempo que passa as faces, o *layout* e a paisagem planetária estão sendo modificadas. O tempo e a ação modificam os espaços. A “grafia da terra” é cotidianamente reescrita (Besse, 2006) pela comunidade formada por humanos e não humanos que a habita.

Desde as grandes navegações vivenciamos agudas reescritas da grafia da terra por meio de uma conjuntura cerceada pela expansão e a consolidação do capitalismo e por uma cosmovisão europeia. Novas grafias geopolíticas, novas grafias territoriais, novas grafias comerciais, novas grafias de relações sociais, novas grafias sanitárias. Estamos imersos em movimentos globais. O capitalismo, este sistema que se reinventa e parece mais forte a cada crise que a história já nos mostrou, enfrenta novas adversidades: uma crise econômica, ética, ambiental, política e sanitária que coloca o mundo diante sua fragilidade. Frente a uma crise do sistema, agora com roupagem neoliberal, um vírus se transformou em pandemia. Conforme Santos (2020), um novo objeto biocultural circula e reescreve a dinâmica global. O novo coronavírus, responsável pela COVID-19, descortina aquilo que muitos apontavam, mas poucos queriam ver: a sombria concretude do sistema, as materialidades das contradições (Santos, 2020). Aqui e agora, em escala planetária, as desigualdades mostram-se mais agudas. O vírus é o mesmo para todos, assim como o sol que nasce para todos. Todavia, o primeiro não abala assim como o segundo não aquece a todos da mesma forma. As condições materiais de cada coletivo mostram as formas como muitos poderão ou não cumprir as regras de isolamento e de distanciamento social. As condições materiais de cada coletivo dizem como e com quais coisas poderão se proteger do contágio.

Em um sistema de escala global no qual a contradição marca seu DNA e as desigualdades sociais, raciais e de gênero estruturam suas engrenagens. Enfrentar e proteger-se de uma pandemia da magnitude da COVID-19 tornou-se um privilégio. Os países subdesenvolvidos e suas áreas de vulnerabilidades sociais são fortemente atingidos pela crise instalada. Uma crise que se aguda diante do aumento dos índices de desemprego, fome, falta de moradia, violência urbana e policial, racismo, violência contra mulheres e crianças e feminicídios. Uma crise que esta além das leituras econômicas, pois trata-se de uma crise humanitária em que um modelo civilizacional foi posto em xeque (Butler, 2020). Nas periferias do mundo - favelas, campos de refugiados, territórios em conflito, áreas florestais – a população agoniza e, para esta, a epidemia do novo coronavírus descarna a desigualdade e a exclusão que lhes foram historicamente postas.

Em meio a tudo isso teóricos apontam a emergência de uma nova normalidade, um novo padrão comportamental que garantirá nossa sobrevivência. Estamos construindo novas cotidianidades a fim seguirmos protegidos da pan-

demia. Assim, no novo normal em curso e projetado para a pós-pandemia estaremos mergulhados em álcool em gel, lavando as mãos seguidamente, abraçando menos, em distanciamento social, conectados uns aos outros pela rede mundial de computadores e com nossas faces reescritas com o uso de máscaras.

Smartphones, tablets, notebooks, recipientes com álcool ou sabão e máscaras faciais constituem apenas uma pequena amostra do inventário de coisas com as quais estamos construindo nossa nova cotidianidade. Os equipamentos para conexão à rede mundial de computadores já fazem parte da rotina de muitas pessoas, assim como o álcool em gel que não é um desconhecido para aqueles que vivenciaram os ciclos de infecção de H1N1, por exemplo. Para alguns países orientais, as máscaras faciais fazem parte da rotina desde muito tempo, seja para proteger-se de agentes poluentes ou para proteger aos demais do contágio de alguma gripe ou SARS (síndrome aguda respiratória) que o usuário tenha sido contaminado. Todavia, para o mundo ocidental, o uso de máscaras facial é novidade. Pouco nos protegemos ou protegemos aos que estão à nossa volta.

Esta nova materialidade tem em si a exclusão social. Como Tião Simpatia (2020) trouxe, no cordel intitulado “Cordel do Coronavírus”,

XV

Parece até demagógico
 Pedir pra ficar em casa,
 Quem precisa trabalhar
 Senão o aluguel atrasa.
 Um fator sociológico;
 Outro epidemiológico;
 Que grande contradição!
 Classe alta, baixa e média
 Vítimas da mesma tragédia
 Mas no mesmo barco, não!

XV

O barco da classe rica
 É um iate de luxo;
 Enquanto o da classe pobre
 Não tem comida pro bucho.
 Falta gel, água, sabão
 Máscara, ventilação,
 Até sabonete falta!
 Já parou pra pensar nisso?
 E aí? Vai ficar omissos?
 Você que é da classe alta?

Já parou para pensar? A falta acesso a equipamentos eletrônicos e conexão a rede de computadores de grande parte dos educadores e dos estudantes em ensino remoto, por exemplo, descortina a desigualdade de acesso a educação. A precariedade estrutural e a alta densidade populacional em áreas de vulnerabilidade social impossibilitam o isolamento, o distanciamento social e inviabilizam práticas de higiene adequadas. A precariedade das relações de trabalho e os altos índices de desemprego fazem do exercício do trabalho remoto e seguro um luxo para poucos. O aumento da pobreza extrema leva parte da população mundial a escolher entre comprar um frasco de álcool em gel ou algum alimento para levar à mesa. Evidentemente que a escolha recai sobre o último. As máscaras faciais, item básico para proteção daqueles com que convivemos, ganharam diferentes nuances. Objeto de uso obrigatório em várias cidades do mundo, raro em áreas de vulnerabilidade, entre os grupos economicamente privilegiados tornou-se “acessório” de moda. Entre a vasta gama de materialidades que constituem o novo normal, as máscaras destacam-se por, literalmente, reescrever nossas faces e as de nossas relações. Portanto, há muitas camadas através das quais podemos considerá-las.

As máscaras toram-se objeto de consumo, conseqüentemente uma mercadoria com diferentes valores agregados que variam entre o peso da grife até a cotação de sua estampa. Mas também tornou-se fonte de renda para muitas mulheres sem trabalho formal e com habilidades na costura. Aliás, só habilidade não basta, são necessários os meios de produção: uma máquina de costura, agulhas, tesouras e matéria prima. Porém, nem todas têm acesso a isso e nas máscaras as desigualdades começam a se desenhar desde a sua produção. Nas potenciais confecções domésticas o acesso aos meios de produção não encontra equidade e, nas produções fabris os baixos custos da mão-de-obra para costuras é viável com a exploração do trabalho de mulheres, em sua maioria negras, de periferia e que sustentam sozinhas seus lares. Essas mulheres recebem centavos por lotes de peças ou por tempo de produção, realidade comum na indústria têxtil mundial. Ou seja: dependendo da máscara que você compra ela carrega desigualdade de classe, racial e de gênero desde a produção.

Todavia, de acordo com a OPAS (Organização Pan Americana da Saúde) e a OMS (Organização Mundial de Saúde), as máscaras em tecido trazem potenciais vantagens econômicas e sociais na medida em que:

“Diante da escassez global de máscaras cirúrgicas e EPIs, incentivar o público a criar suas próprias máscaras de tecido pode promover o empreendedorismo individual e a integração com a comunidade. Além disso, a produção de máscaras não-cirúrgicas pode criar uma fonte de renda para os que passam a produzir máscaras dentro de suas comunidades.” (OPAS e OMS, 2020, 8).

Mas as camadas possíveis de leituras não terminam aqui. As máscaras de tecido geram tendência por sua eco presença. Ao contrário das máscaras descartáveis que, além de tornarem-se refugo rapidamente, por vezes são inadequadas

mente descartadas aumentando, assim, os risco de contaminação de terceiros e o impacto ambiental, o fato das máscaras de tecido serem reutilizáveis gera menos impactos ambientais e sanitários.

Além das preocupações ecológicas as máscaras nos ajudam a construir um ato de empatia. As utilizamos, conforme as recomendações da OPAS e da OMS, não para protegermos somente a nós mesmos, mas também aqueles com quem compartilhamos diferentes espaços, uma vez que:

“A transmissão por gotículas ocorre quando uma pessoa tem contato próximo (menos de 1 metro) com alguém infectado, com exposição a gotículas respiratórias potencialmente infecciosas, por exemplo, na tosse, em espirros, ou no contato muito próximo, o que resulta em inoculação de portas de entrada como a boca, o nariz e a conjuntiva (olhos).” (OPAS e OMS, 2020, 01).

Quando a OPAS e a OMS apontam as possíveis vantagens no uso de máscaras por indivíduos ainda não contaminados fica evidente que a autoproteção ocorre em baixo impacto e os riscos de contágio aumentam quando o manuseio da máscara não é feito adequadamente. Contudo, a empatia está presente nas vantagens mencionadas no documento, através da construção de um sentido de coletividade, pois tem o objetivo de: “fazer com que as pessoas sintam que podem contribuir para interromper a propagação do vírus;” (OPAS e OMS, 2020, 8). Preocupar-se com o outro através de uma causa coletiva toma lugar na ordem do novo normal ou, ao menos, deveria tomar.

As ações coletivas e a empatia também carregam bandeiras políticas e identitárias. Para o OPAS e a OMS (2020) as máscaras também podem carregar expressões culturais. E isso torna-se visível quando observamos a gama de estampas expostas em diferentes faces que circulam pelas ruas ou em venda nos mercados (físicos ou *online*). Máscaras estampadas com palavras de ordem; com símbolos de lutas coletivas; com personagens adultos e infantis; com logomarcas de grifes; com referências iconográficas a diferentes profissões; com referências a times de futebol, basquete e outros esportes, etc. Enfim, estampas não faltam para incentivar os mais diferentes grupos sociais ao uso deste equipamento de proteção, passando inclusive pelo mercado de jóias e artigos de luxo, onde ocorrem peças assinadas por estilistas e bordadas com pedras preciosas, por exemplo.

Das pautas políticas, passando por diferentes expressões culturais até os mercados de luxo as máscaras de tecidos tomaram uma dimensão estética para além de sua função sanitária. Essas nos mostram a sombria concretude do sistema capitalista em crise por meio da materialidade de suas contradições. As máscaras escancaram as contradições, visto que a população mais pobre pouco tem acesso a ela e quando tem, majoritariamente a recebe por meio de doações, sem espaço para as ações de escolhas de estamparias, por exemplo, como ocorre entre os setores economicamente privilegiados. Ou seja: máscara que você compra também compõe e contém a sociedade de classes.

A nova normalidade aponta outras formas de relações. Para nós, brasileiras e brasileiros, estranhamente o convívio deverá se dar por menos aproximações físicas, menos abraços e sem os tradicionais beijos ao cumprimentar. Mas, o mais marcante chega em função do uso das máscaras faciais em tecido. Com elas não vemos os sorrisos, perdemos de contemplar e ler parte das expressões faciais dos demais. Todavia, talvez tenhamos aqui uma chance de voltar a nos olharmos nos olhos e a encontrar soluções políticas de superação de um sistema de desigualdades e de um modelo civilizacional em colapso diante dos novos tempos, das novas formas de relações, das novas materialidades e da nova normalidade.

BIBLIOGRAFIA:

BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**. Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus limites. In: **Sopa de Wuhan: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemia**. Argentina: Editorial ASPO. 2020. Pp. 69-99.

SANTOS, Luiz Fernando de Souza. Pandemia e Capitalismo. In: **Revista Movimento**. Março, 2020. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2020/03/pandemia-e-capitalismo/>. Acessado em: junho de 2020.

OPAS e OMS. **Orientações sobre o uso de máscaras no contexto da COVID-19**. Orientação Provisória. 5 de junho de 2020. Disponível em: https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52254/OPASWBRACOVID-1920071_por.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em junho de 2020.

SIMPATIA, Tião. **Cordel do Coronavírus**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/leia-na-integra-o-cordel-do-coronavirus-do-poeta-cearense-tiao-simpatia-1.2226173>. Acesso em: julho de 2020.